



ISSN 1982-0283

Ano XVIII - boletim 16 - Setembro de 2008



Eventos literários e formação do leitor

SUMÁRIO

Eventos literários e formação do leitor

Proposta pedagógica..... 03

Anna Claudia Ramos

PGM 1: A escola e os eventos literários..... 11

Lêda Maria da Fonseca

PGM 2: O professor leitor e formador de leitores..... 16

Jonê Carla Baião

PGM 3: O impacto dos eventos literários na comunidade e na escola..... 24

Gabriela Gibrail

PGM 4: O encontro do leitor com o autor..... 29

Sandra Pina

PGM 5: Incentivando a produção escrita/ Formando novos autores..... 34

Anna Claudia Ramos

EVENTOS LITERÁRIOS E FORMAÇÃO DO LEITOR

Anna Cláudia Ramos¹

Apresentação

“A literatura fantástica e poética é, antes de tudo e indissociavelmente, fonte de maravilhamento e reflexão pessoal, fonte de espírito crítico, porque toda descoberta de beleza nos torna exigentes e, pois, mais críticos diante do mundo. E porque quebra clichês e estereótipos, porque é essa re-criação que desbloqueia e fertiliza o imaginário pessoal do leitor, é que é indispensável para a construção de uma criança que, amanhã, saiba inventar o homem” (HELD, 1980, p. 234).

A série *Eventos literários e formação do leitor* quer pensar a literatura infantil e juvenil sob outro prisma: o dos eventos literários e a formação do leitor. Como será que a literatura infantil e juvenil é vista nesses eventos? O que podemos considerar como eventos literários? E o que esses eventos têm a ver com a formação do leitor? Quais os acervos que estão disponíveis para compra nos eventos de livros?

Quando pensamos em eventos literários, não estamos nos referindo apenas à Bienal Internacional do Livro, aos Salões do Livro, às Festas e Jornadas Literárias ou às grandes Feiras de Livros espalhadas pelo Brasil afora, mas também às Feiras de Livros Escolares e aos encontros de leitores com autores.

Nesta série, queremos analisar como os eventos literários podem contribuir para a formação de um leitor, e descobrir em que medida tais eventos podem provocar, em alunos e professores, a vontade de embarcar na leitura de um livro.

É necessário, portanto, pensarmos algumas questões, como essas: como a escola se prepara para organizar uma Feira de Livros? Qual o envolvimento dos professores e dos alunos com

esse evento? Será que todos participam do processo de seleção de autores e livros? Ou será que a proposta de organizar uma Feira Literária Escolar deve se restringir apenas à direção das Unidades de Ensino? Será que a escola possui uma biblioteca? Que trabalho deve ser desenvolvido na biblioteca escolar pensando na formação do leitor?

Sabemos que em um país como o Brasil a questão da leitura ficou muito relegada. Mas, ao mesmo tempo, nunca se falou tanto na questão da leitura como nos últimos anos. Acontece que nem todos que trabalham com o livro no ambiente escolar, ou nas bibliotecas (escolares, comunitárias, municipais, estaduais), são leitores de literatura. Por isso, entendemos que esses eventos podem e devem incentivar cada vez mais a formação de novos leitores, sejam eles professores ou alunos. Mas falamos da formação de leitores comprometidos com a literatura e com sua capacidade de ampliar horizontes e visões de mundo e não leitores automatizados. Mas como é possível alcançar esse objetivo?

Pensamos que qualquer evento literário deve ter um preparo e uma continuidade. Um preparo no que diz respeito à visita de alunos e professores a uma bienal, salão ou feira de livro, ou quando vão montar a feira de livros escolar. Os alunos vão encontrar algum autor? E aqui vale deixar claro que entendemos como autor o escritor e o ilustrador. Se vão encontrar, é preciso que conheçam a obra daquele autor, ou pelo menos alguns livros, para que haja realmente uma troca entre leitor e autor. O professor trocou idéias com seus alunos sobre as obras lidas? Fizeram relação com outras obras? Que tipo de envolvimento o professor teve com o preparo para esse encontro com o autor? E como deve ser esse envolvimento do professor com um evento literário?

Não é possível precisar como deve ser o envolvimento do professor ou do mediador de leitura, mas é preciso que esse tenha um real envolvimento e compromisso com o livro e a literatura. É fundamental que esse professor, ou mediador, ou mesmo bibliotecário, entenda a literatura além do didatismo pragmático, pois a literatura é, sobretudo, paradoxal.

A Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil, a AEILIJ, da qual faço parte da diretoria, tem pensando a questão da literatura nas escolas e se posicionado não

em favor da *desescolarização da leitura*, mas sim em favor da abertura da instituição escolar à especificidade generosa da literatura. Privilegiamos a literatura e não genericamente a leitura, porque, além de sermos escritores e ilustradores, temos experiência como divulgadores da leitura e compreendemos que a literatura possibilita a reflexão, o prazer, o entretenimento e a fruição estética. Nada como a literatura para nos convidar a entrar no mundo dos heróis, das aventuras, da exposição da alma humana e da exploração do sentido de tudo o que existe e que nos cerca. Nada como a literatura para nos fazer defrontar com a multiplicidade de aspectos disso que chamamos de *realidade*. Nada como a literatura para nos fazer conhecer com o desconhecido. Por isso, acreditamos que em um país como o Brasil, a literatura deve estar na escola sim, mas deve ter um espaço especial, na sala de aula e na biblioteca. A literatura deve estar na escola para formar leitores.

Mas queremos formar leitores que continuem sendo leitores além dos muros escolares. Queremos crianças e jovens desejando freqüentar uma feira de livros, uma bienal ou qualquer outro evento literário. Queremos crianças e jovens sabendo escolher que livros querem comprar e ler, mas sabendo escolher com qualidade estética e não apenas influenciados por modismos. Para que isso aconteça, é preciso que crianças e jovens tenham vivências literárias diversificadas. É preciso que eles tenham contato com bons livros de literatura e que exercitem o senso crítico, o que só se consegue a partir de muitos debates, com opiniões diversas. Queremos crianças e jovens tendo prazer e alegria de ler e não apenas lendo por obrigação escolar. Isso não forma um leitor apaixonado por livros e histórias.

Por isso, essa série quer incentivar o pensamento crítico através da leitura. Quer conhecer os eventos literários e descobrir qual o impacto que eles têm na vida de uma comunidade. Há um preparo e uma continuidade do trabalho com o livro? Ou as crianças e os jovens apenas vão a um evento literário para passear e correr atrás de autógrafos e brindes?

Mas essa série também vai ampliar horizontes, trazendo a discussão sobre os processos criativos e a formação do escritor, incentivando a produção escrita e formando novos autores a partir de uma formação leitora sólida. Por isso, vamos debater a formação leitora dos mediadores de leitura. Que bagagem literária tem, ou deveria ter, um mediador de leitura?

Que livros fazem parte da estante de livros do professor e dos alunos? Que compromisso a escola e os pais têm com a leitura e a literatura?

Queremos uma escola que forme leitores e os prepare para realmente exigir, cada vez mais, a qualidade nos eventos que envolvem livros e literatura. Queremos alunos envolvidos com livros de literatura de qualidade e não apenas com livros da moda, de auto-ajuda, ou de uma literatura descartável.

Sabemos que existem muitos livros para crianças e jovens hoje em dia, mas nem todos podem ser considerados livros de literatura. Literatura não é para ser disfarce de ensinamentos. Livros de literatura se diferem de livros didáticos exatamente porque trazem personagens paradoxais, como, por exemplo, uma boneca que fala, uma menina que guarda suas vontades em uma bolsa amarela, um menino que tem um tapete voador, uma fada que tem o pó mágico de pirlimpimpim. Queremos mostrar como é possível a escola formar leitores apaixonados por livros e encantados por eventos que tenham o livro como astro principal. Mas, para que fique bem claro o que desejamos dizer com qualidade literária, citamos aqui a resposta da escritora Marina Colasanti quando indagada sobre *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?*

“A pergunta contém em si parte da resposta. Pois, ao falarmos de literatura, pressuponho que já tenhamos descartado a grandíssima maioria da produção do mercado livreiro destinada a crianças e jovens, produção que, mesmo sendo de livros, ainda assim não é de literatura. Partimos, portanto, de uma diferenciação já estabelecida.

Por qualidade em literatura entendo exatamente a mesma coisa para qualquer idade: riqueza de forma e riqueza de conteúdo. Especificando minimamente: texto inventivo, não linear, conteúdo vertical; pluralidade de interpretações possíveis; vários níveis de leitura; densidade; aderência.

Da literatura não fazem parte: o lugar-comum, a frase feita, a história previsível, a linguagem infantilizante, a função didático-moralizante” (COLASANTI, 2005, p.194 e 195).

Foi pensando em tudo isso que esta série de cinco programas vai abordar temas relevantes para este debate com os professores.

Temas em debate na série *Eventos literários e formação do leitor*, que será apresentada no Salto para o Futuro/TV Escola (SEED/MEC) de 15 a 19 de setembro de 2008:

PGM 1: A escola e os eventos literários

O primeiro programa vai debater estas questões: Como a escola deve se preparar para um evento literário? Como organizar esse evento? Que livros devem ser vendidos na feira do livro da escola? Como a escola, que é o espaço da fruição e da produção do saber, deve encarar um evento literário no próprio espaço escolar ou organizar a ida dos alunos a um evento literário fora da escola? Que tipo de envolvimento alunos e professores devem ter com um evento literário? Que acervos devem estar presentes nos eventos literários? Aqui nos referimos tanto aos acervos presentes nos eventos – feiras, bienais, festas – quanto àqueles existentes nas bibliotecas e salas de aula, recebidos por meio dos programas governamentais.

PGM 2: O professor leitor e formador de leitores

A estante de livros do professor: quais são as suas leituras? Qual o compromisso do professor com o livro e a literatura? Como esses eventos podem contribuir para a formação leitora do professor e para a formação de novos leitores? Sabemos que é importante que o professor seja um leitor para formar leitores, mas será que, na prática, isso é verdade? O que é preciso para o professor fazer a diferença em um evento literário? Como o professor consegue formar um leitor, que não se limite à leitura obrigatória e procure novas leituras fora dos espaços escolares? Estes são os temas em discussão no segundo programa da série.

PGM 3: O impacto dos eventos literários na comunidade e na escola

Os eventos literários na escola são contínuos ou apenas eventuais? E os eventos que acontecem em uma cidade? Qual a periodicidade desses eventos? Até que ponto um evento literário pode contribuir para a formação leitora de uma comunidade? Queremos pensar a importância de existir a interlocução entre os eventos literários que acontecem em uma cidade com a comunidade local, incluindo, especialmente, a comunidade escolar. Até que ponto a comunidade participa do evento? E até que ponto o evento modifica o imaginário dessa comunidade? Estes são os assuntos em discussão no terceiro programa.

PGM 4: O encontro do leitor com o autor

Qual é o papel do professor na mediação do encontro do escritor, ou do ilustrador, com os leitores? O que é mais importante nesse tipo de encontro? O que acontece quando as escolas só adotam livros de autores que fazem visitas escolares? Qual o papel dos suplementos de leitura que acompanham alguns livros? A literatura é vista como arte nas escolas? Como são os encontros dos autores com os leitores em um evento literário dentro e fora da escola? Existe alguma diferença? O que os autores pensam desse tipo de encontro? E os leitores? Será que acham necessário esse encontro com o autor? O que pensam leitores e autores sobre a famosa pergunta *O que o autor quis dizer com...?* Estas questões vão permear as discussões do quarto programa.

PGM 5: Incentivando a produção escrita / formando novos autores

Nesse último programa da série, o foco está na importância de se promover a escrita literária na escola, tanto a escrita dos professores, quanto a dos alunos. Oficinas de produção literária, rodas de leitura, troca de livros, bate-papo com autores, saraus literários são alguns dos pontos que devem ser abordados para que haja na escola espaços de criação de textos que fujam da preparação dos alunos para as redações do vestibular. A escola forma novos autores? O que é preciso para a formação de um autor? Qual o papel da escola e qual a importância de um

evento literário nesse processo de formação de novos autores? Qual o papel do autor na formação de novos autores?

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Luiz Antonio e RAMOS, Anna Claudia. **Por um espaço especial para a literatura na escola**. Texto apresentado ao COLE 2007, no Seminário FNLIJ de Literatura Infantil e Juvenil.

CARRERO, Raimundo. **Os segredos da ficção, um guia da arte de escrever narrativas**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder**. Tradução de Carlos Rizzi. São Paulo: Summus Editorial, 1980. (Coleção Novas Buscas em Educação).

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

MACHADO, Ana Maria. **Contracorrente, conversas sobre leitura e política**. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Texturas: sobre leituras e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MONTERO, Rosa. **A louca da casa**. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

OLIVEIRA, Ieda de (org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? Com a palavra o escritor**. São Paulo: DCL, 2005.

PROSE, Francine. **Para ler como um escritor, um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

RAMOS, Anna Claudia. **Nos bastidores do imaginário: criação e literatura infantil e juvenil**. São Paulo: DCL, 2006.

Nota:

Escritora, presidente da AEI-LIJ. Consultora da série.

A ESCOLA E OS EVENTOS LITERÁRIOS

Lêda Maria da Fonseca¹

Brincar com os múltiplos sentidos da palavra **evento** pode render uma boa reflexão sobre os diferentes significados do termo. Se formos ao dicionário, verificamos que significa acontecimento, eventualidade. Mas ser eventual não significa que não possa ser formativo. E é justamente sobre os eventos que ocorrem como experiências compartilhadas de leitura, portanto, que ultrapassam o tempo vivido, que conversaremos neste texto.

Já vi citado, com um tom crítico, em um texto sobre educação, que o termo evento significa “e-vento”, algo que passa, sem relação com o trabalho cotidiano. Na verdade, o autor chamava a atenção para as festividades que ocorrem nas escolas, mas que não são fruto de uma construção coletiva, que esteja arraigada nas práticas do dia-a-dia. Com certeza, não adianta mesmo prepararmos uma comemoração no dia do livro, ou levarmos nossos alunos aos eventos literários que ocorrem na cidade, se no resto dos dias letivos as crianças e/ou jovens só têm contato com os livros para “fazer dever” (didáticos) ou em momentos esporádicos, quando vão a salas de leitura ou bibliotecas. Nesses casos, a prática cotidiana da escola é que precisa ser mudada!

Neste texto, trataremos de eventos significativos, momentos culturais em que alunos, professores, funcionários, convidados, enfim, todos os leitores possam se enriquecer, conversando com outros leitores, escritores, ilustradores, livreiros e, além disso, possam também ser produtores de cultura. Nesta perspectiva, aproprio-me do significado “e-vento”, mas como aquele que oxigena, que traz movimento, transformação e é, portanto, revigorante!

O evento pode ser o excelente momento em que os alunos vivenciam experiências com os textos literários que os aproximem cada vez mais dos livros e que todos os outros

participantes, sejam professores ou convidados, possam também compartilhar experiências de leitura.

Ao convidarmos autores para as festividades, observo que, quando os alunos são preparados para esse encontro, o envolvimento das crianças e dos jovens é maior. Entendo essa preparação como uma forma de dar condições para que o diálogo aconteça, mas isto não significa preparar perguntas para os alunos fazerem, e sim apresentar a obra do autor, a fim de que os alunos sejam capazes de elaborar suas próprias perguntas.

A escolha do autor também não deve ser aleatória. O convidado deve ser escolhido de acordo com o que a escola deseja divulgar, de preferência, autores que sejam queridos pelos leitores, mas também apresentar outros que sejam considerados importantes na produção para crianças e/ou jovens. A escola precisa estar consciente do seu papel mediador, sendo ela a principal responsável pela transmissão da cultura de nossa civilização. Um evento literário que ocorre no espaço escolar é diferente de outros que ocorrem em outros espaços da cidade, justamente porque a escola tem um papel formativo que deve prevalecer.

Nos eventos, programar espaços em que crianças e pais possam ler juntos os livros da biblioteca da escola, num ambiente agradável, também é uma boa prática. Geralmente, as crianças gostam que os pais conheçam os livros que elas ouvem ou lêem na escola. Esse conhecimento das leituras escolares permite um vínculo entre as crianças e pais, mas também é uma forma de os adultos terem informações sobre o acervo de qualidade que a escola pode disponibilizar para as crianças.

O convite para que livrarias estejam presentes nas comemorações faz parte de uma das estratégias para a aquisição de livros e, conseqüentemente, para uma ampliação do acervo pessoal dos leitores. No entanto, nem todas as famílias têm condições financeiras para comprar bons livros. Muitas vezes, nas feiras de livros, há livros com preços mais acessíveis. Mas é preciso avaliar a qualidade destes livros, pois podem apresentar textos fragmentados, incoerentes e não ter uma boa produção gráfica. Quando o poder aquisitivo das famílias não

for condizente com os preços dos livros que têm qualidade, é preferível não colocar livrarias ou estandes de vendas nas feiras escolares.

As escolas públicas possuem um bom acervo, enviado pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE. Então, coloquemos esses livros à disposição de nossos alunos, pais, professores e funcionários, para que eles possam levá-los para casa por empréstimo e, assim, aprenderem a valorizar o acervo da escola como um bem público.

Os livros enviados para as escolas são selecionados por especialistas em literatura e representam uma produção para crianças e jovens de alta qualidade. Cabe aos professores a apropriação desses livros, pois se não conhecermos o acervo, como poderemos dinamizá-lo? Somente a nossa paixão pelos livros, pela leitura, pode estimular novos leitores, especialmente em situações em que as crianças não tenham em casa o estímulo necessário.

A apresentação de trabalhos produzidos pelas crianças e/ou jovens também pode ser muito interessante, desde que esses trabalhos não tenham sido produzidos somente com o objetivo de exposição no evento. A produção das crianças deve ser representativa do trabalho que ocorre no dia-a-dia da escola, para conhecimento de todos os envolvidos no processo de formação desses leitores.

A presença de contadores de histórias é geralmente muito interessante, pois além do prazer de ouvir as narrativas, podemos incentivar crianças e jovens a também se tornarem contadores ou leitores de histórias para outras crianças. Além disso, depois de ouvir uma bela história, muitos se interessam por conhecer outras do mesmo autor do livro apresentado.

Além de eventos literários internos, outros que ocorrem na cidade devem ser freqüentados por nossos alunos, pois a vivência de práticas culturais fora do ambiente escolar pode contribuir para a formação de leitores que continuem buscando a literatura depois que estiverem fora da escola.

Assim como nas festividades escolares, os jovens e as crianças precisam saber o que vão encontrar nos eventos externos. Portanto, conhecer a programação, a fim de poder selecionar o que for importante para o grupo, é papel do professor. A programação, depois de analisada, pode ser apresentada à turma para esclarecimentos a respeito dos autores presentes, sobre as obras que eles produziram, além de orientações no sentido de estimular um olhar mais apurado sobre o que está sendo exposto e, se houver venda de livros, ajudá-los a selecionar livros com qualidade.

Tudo o que está sendo proposto é fundamentado em uma concepção de trabalho com a literatura em que as práticas de leitura literária são concebidas como práticas culturais, portanto, devem ser vivenciadas no dia-a-dia, e não ensinadas como conteúdo na escola.

Para finalizar, gostaria de enfatizar que os eventos são muito bem-vindos, pois, retomando o início deste texto, acredito na alegria que eles podem proporcionar, na medida em que sejam produzidos por uma coletividade, envolvida em divulgar a leitura literária! Mas, não nos esqueçamos, a literatura deve estar presente em nossa prática no dia-a-dia. Sempre que possível, procure ler para seus alunos, dê tempo para que eles escolham suas leituras e reserve tempo para conversar com eles sobre o que estão lendo, o que estão achando dos livros, para mostrar lançamentos, contar novidades sobre os autores, enfim, trazer a literatura como tema diário de conversa. E bons (e)ventos!

Referências bibliográficas

CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global, 2003.

KRAMER, Sonia. Infância, Cultura e Educação. In: PAIVA, Aparecida (org.). **No Fim do Século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.9-36.

PAIVA, Aparecida e outras (orgs.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOARES, Magda Becker. A Escolarização da Literatura Infantil e Juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy (org.). **A Escolarização da Leitura Literária: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.17-48.

Nota:

Professora do Centro Educacional Anísio Teixeira - CEAT e da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

O PROFESSOR LEITOR E FORMADOR DE LEITORES

*Jonê Carla Baião*¹

“Como se fora brincadeira de roda, memória”²: pensar as leituras de uma professora

Dasdores (assim se chamavam as moças daquele tempo) sentia-se dividida entre a Missa do Galo e o presépio. Se fosse à igreja, o presépio não ficaria armado antes da meia-noite, se se dedicasse ao segundo, não veria o namorado.

É difícil ver namorado na rua, pois a moça não deve sair de casa, salvo para rezar ou visitar parentes. Festas são raras. O cinema ainda não foi inventado, ou se o foi, não chegou a esta nossa cidade, que é antes uma fazenda crescida. Cabras passeiam nas ruas, um cinorro tilinta: é a tropa. E viúvas espiam das janelas, que se diriam jaulas.

Dasdores e suas numerosas obrigações: cuidar dos irmãos, velar pelos doces de calda, pelas conservas, manejar agulha e bilro, escrever as cartas de todos. Os pais exigiam-lhe o máximo, não porque a casa seja pobre, mas porque o primeiro mandamento da educação feminina é: trabalharás dia e noite. Se não trabalhar sempre, se não ocupar todos os minutos, quem sabe de que será capaz a mulher? Quem pode vigiar sonhos de moça? Eles são confusos e perigosos. Portanto, é impedir que se formem. (...) (Carlos Drummond de Andrade, 1951)³.

O texto de Drummond, ao ser lido hoje, fica com um gosto de passado... No entanto, todas/os sabemos que esse passado não é tão distante. Muitas foram as mudanças que ocorreram nas relações de educação de mulheres e homens. Mas talvez essas mudanças ainda não estejam totalmente claras aos olhos de nossa sociedade. Mudanças são frutos de movimentos, de rupturas, de disputas... E para que se efetivem as mudanças, elas precisam ocorrer não só em circunstâncias públicas, institucionais, notórias, conhecidas, mas também no dia-a-dia, no cotidiano, no miúdo das vidas de cada um dos atores sociais.

Esta epígrafe é mote para me fazer pensar a minha formação de leitora e o meu papel na formação de novas leitoras e novos leitores que ousem romper os limites do real e aceitem o convite do imaginário, do mundo dos sonhos, que a leitura nos abre, para desse modo merecer a advertência do poeta “quem pode vigiar os sonhos de moça?”

Como meus sonhos não puderam ser vigiados desde a minha infância, posso continuar a sonhar, agora como sonho de mulher-pesquisadora-professora-mãe, e a pensar a formação de leitoras/es como espaço do possível, de uma educação libertadora, que valorize as diferenças, que coíba os preconceitos e que permita a liberdade dos sonhos, a liberdade para “entender que tudo que é nosso, sempre esteve em nós, história, somos semente, ato, mente e voz, magia” (Gonzaguinha, música “Redescobrir”).

Leitor e leitura – sou sujeito e apresento meu processo

Partilharei aqui com minhas leitoras e meus leitores um pouco da minha história de criança, menina, mulher, professora, que “foi-se-descobrimdo”, “fazendo-e-se-fazendo” leitora no cotidiano. Começo num passeio pela etimologia das palavras ler e leitura e sigo numa viagem ao meu tempo de descoberta e anúncio público de entrada no mundo dos/as leitores/as. Chego à vida adulta e me descubro leitora dos textos de minhas/meus alunas/os e contribuindo para a formação de outras/os leitoras/es e produtoras/es de textos. Termino olhando/ouvindo na rua as vozes daqueles que gritam por espaços de leituras.

Leitura - lat. medv. *lectura*, der. do rad. do supn. do v. *legère* 'reunir; enrolar; escolher; espiar; ler para si, ler em voz alta'; ver *leg-*; f.hist. 1382 *leitura*, sXIV *leitura*, sXIV *leitura*, sXV *lectura*. **Ler** - lat.cl. *lêgo, is, lêgi, lectum, legère* 'recolher, apanhar; enrolar, tirar; escolher, captar com os olhos; ler em voz alta'; a solução semântica do cl. ao vulg., em que prevalece apenas a noção de 'ler' (eventualmente em voz alta, pelo menos de início), postula certa intensificação do fato social, muito restrito, nos primórdios; cf. esp. *leer*, it. *leggere*, fr. *lire*; ver *le-* e *leg-* e as remissivas aí citadas; f.hist. 1258-1261 *leer*, sXIII *liia*, sXIII *leer*, sXIV *leendo*, sXIV *lyi*, sXV *le*, sXV *leese*, sXV *lia* (Houaiss, 2001).

“Quem lê jornal sabe mais, quem lê (nome de um jornal) sabe muito mais ainda”⁴

No desafio de escrever sobre meu processo de constituição-formação-formadora de leitoras/leitores, vejo-me pensando sobre minha trajetória de vida. Começo esse texto pelo começo, pelo momento em que me vi, ou fui vista pelos outros, como leitora, numa das acepções do dicionário em destaque para o ato da leitura: “ler em voz alta”.

Numa família de seis moças e três rapazes, cresci vendo meu pai ir à feira diariamente com bolsas nas costas. Cresci vendo meus irmãos mais velhos trabalhando de dia e estudando à noite. Cresci vendo os livros nas estantes lá de casa terem mais espaço que os poucos brinquedos que eu tinha. Eram livros que tios e primos doavam, eram livros que meus irmãos usaram no ano anterior na escola e que precisavam ser guardados para que nós, as mais novas, estudássemos com eles também. Muitos livros didáticos, muitos livros clássicos...

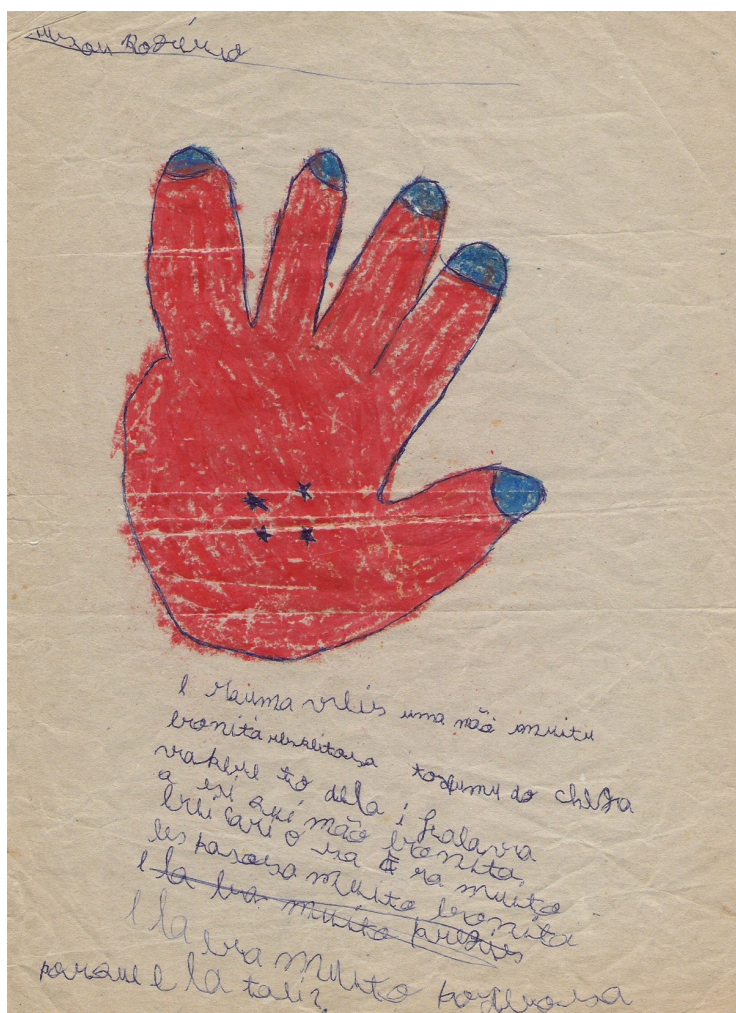
Lá em casa, o espaço para o “estudo”, a “escola”, a “leitura” era maior que o espaço que ocupávamos as seis moças num mesmo quarto. A atmosfera do “quem lê sabe mais ainda” era entranhada naquela casa de pais semi-analfabetos.

Assim, aos seis anos de idade, comecei a ler em voz alta para que todos soubessem, percebessem, medissem a verdade dos fatos: eu já sabia ler! Então, em voz alta, peguei o jornal e li “CADAVERES...” Todos riram e se apressaram em me corrigir: “CADÁVERES”. Entre a paroxítonia e proparoxítonia, o tom maior era o da descoberta das palavras vivas, que brotavam do jornal, espaço social que na época a propaganda anunciava: “Quem lê jornal sabe mais, quem lê... sabe muito mais ainda.” Menos importava a manchete, o conteúdo que anunciava (a morte?) e mais importava o conteúdo que ela me permitia gritar: “Já sei ler!” Aplaudida, a auto-estima da aprendiz de leitora inflava: leitora de público, em voz alta.

Leitora – leitura... No dia-a-dia, me faço leitora-professora do texto de meus alunos

Da menina de seis, cinco anos, vou ao tempo em busca da professora do Ensino Fundamental do primeiro e segundo segmentos, em escolas públicas. Na memória, busco textos de alunos

que me marcaram como leitora e encontro muitos autores. Escolho dois em particular. Um menino de 8-9 anos, numa classe de alfabetização, num CIEP, Centro Integrado de Escola Pública, no início da década de 90. Depois, vou ao encontro de outro aluno, na 5ª série – segundo segmento do Ensino Fundamental – aos 16-17 anos. Entre uma ponta e outra, num universo de meninas e meninos que ousaram/ousam vencer os obstáculos das distorções idade/série, das dificuldades de freqüentarem os bancos de escolas públicas, com ofertas de vagas para a classe popular, mas ainda sem saber abrigar essas crianças em seus recursos de “formação de leitor-escritor”. Nas brechas e na contramão, encontro Rogérios, Rodrigues, Marias que vão pedindo espaço com suas “mãos espaçosas e poderosas”. É neste contexto que encontro leitores, escritores que me formaram professora/leitora:



(Era uma vez uma mão muito bonita, respeitosa. Todo mundo chegava perto dela e falava: “Ah! Que mão bonita!” Ela era carinhosa, era muito espaçosa, muita bonita, ela era muito *preguis...* (riscado). Ela era muito poderosa. Por que ela está ali?)

Meu/minha leitor/a deve estar indagando, como Rogério: “por que ela está ali/aqui?”.

Trouxe essa mão do Rogério para me ajudar, visto que é “poderosa”, a mostrar, a evidenciar que as mãos de nossas crianças são espaçosas e criativas, porque fazem leituras e “cavam” espaço para divulgar suas idéias de moças e moços, como as da epígrafe de Drummond.

A escola é o espaço, por excelência, para crianças como Rogério, com poucas experiências de leituras em outros espaços, para experimentar o “ler-e-escrever” com autoria, ousadia, gostos. As minhas experiências leitoras, na escola pública, levaram-me a ler e a gostar de ler desde muito cedo. Foi assim que descobri, por exemplo, o conto “A Cartomante” de Machado de Assis, e o encenei para a turma a pedido de um professor de Português na antiga quinta série. Assim, o meu gosto por contos e crônicas aumentou. Lembro a brincadeira com uma de minhas irmãs, fazendo inventários de nossas leituras. Disputávamos, na adolescência, entre 13 e 14 anos, quem lia mais e qual tipo de texto. Essas reminiscências me formam e me levam a crer que o espaço da sala de aula é espaço de “leitura viva”.

Desse mesmo modo, ousei levar para as minhas alunas e meus alunos diferentes tipos de textos: poesias, crônicas, contos, romances de aventura, de suspense, e outros mais gêneros literários, para que possam oportunizar experiências com a diversidade literária e, assim, permitir espaços para que as/os estudantes também experienciem seus próprios textos, suas próprias autorias.

Escolho dividir aqui com vocês um texto de outro “autor”, que tive o prazer de ver “brotar” em minha sala de aula. É em paráfrases do dia-a-dia, como essa, a seguir, que Rodrigo escreveu, que meninos e meninas vão desenhando seus gritos de liberdade:

*“Mataram meu colega e eu não digo nada,
Me chamam de zumbi e eu não digo nada.
Me ameaçam e eu não digo nada.
Estão em guerra e eu não digo nada
A seca esta matando e eu não digo nada
Professor me dá os esporros e eu não digo nada
Morre gente e eu não digo nada
Ficam me criticando e eu não digo nada
O Brasil perde a copa e eu não digo nada
Pincham a escola e eu não digo nada
Pois agora chega eu vou dizer tudo.”*
Rodrigo

ACORDE!

(Maiakovisky)

Na primeira noite,
eles se aproximam
e colhem uma flor
de nosso jardim.
E não dizemos nada.

Na segunda noite
já não se escondem:
pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.

Até que um dia,
o mais frágil deles,
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a Lua e,
conhecendo o nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta,

E porque não dissemos nada,
já não podemos dizer mais nada.

Vou partilhando com vocês esse desafio de escrever sobre meu processo como leitora, trazendo a minha face de leitora-professora dos textos de meus alunos. Nesta tarefa, leio as muitas crônicas, poesias, contos, narrativas, argumentos, quais sejam os tipos de textos que meus alunos me apresentam. Leio assumindo o papel de leitora real desses textos! O olhar de professora-avaliadora é especialmente de alguém que sabe que o escritor daquelas linhas quer ser reconhecido como escritor. Desse modo, me coloco a divulgar/dividir com meus leitores os escritos desses meus alunos, na espera de que um dia possamos dar esse basta que suplicou Rodrigo nas linhas acima.

“Negociando sentido, interagindo por escrito, a criança põe a linguagem em uso, não hesita em aprender a escrever escrevendo, porque sabe que “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver” (Benveniste, 1991, p. 6). E nós, professoras e professoras, vamos aprendendo a ler, a responder, a interagir com os diversos textos, poesias, narrativas, argumentos, “enfim, vamos aprendendo com a multifuncionalidade da linguagem para podermos ‘deixá-la’ emergir na escola, porque emerge na vida” (Baião, 1998, p. 116).

Numa manhã de início de ano letivo, de início de vida...

Na busca pela *leituramundo*, leitura autorizada, trago uma cena assistida numa manhã de março de 2008, quando caminhava rumo à escola da rede municipal para lecionar “Língua Portuguesa”.

Nesta manhã, vejo, num movimentado cruzamento da cidade, duas mães atravessando a avenida com suas crianças de mãos dadas. Uma das mães deveria ter mais ou menos dezoito anos e a outra um pouco mais, seus vinte e poucos anos. As crianças, uma menina de mais ou menos seis anos e um menino de pouco mais que um ano. O sinal de trânsito fechado para os carros e aberto para as/os pedestres. As mães atravessam com seus/suas filhos/as de mãos dadas. Quando percebem o alerta de pedestre “pisca”, indicando que o sinal abriria para os carros: “Vai abrir, vai abrir...”, a mãe mais nova, da criança mais nova, anuncia: “*Espera... agora, meu filho é um cidadão, ele até vai para a escola. Eles vão ter que esperar*”. Ela acelera o passo e termina a travessia da rua já com os motoristas acelerando suas máquinas.

Àquela hora da manhã, as mães levavam suas crianças para a escola pública ali perto, para o início de mais um ano letivo. Para o menino mais novo não era mais um ano, era o primeiro ano de vida escolar.

Para mim, essa cena ficou marcada, me vi pensando nela por muitos dias. Escolhi trazê-la para dividir com minhas/meus leitoras/es porque quero entender melhor o grito dessa mãe: “*eles vão ter que esperar*”. Eles, quem? Os homens que dirigiam seus carros e muitas vezes não vêem o outro lado, o pedestre, o cidadão? Eles que estudaram, que se formaram, que passaram pela escola e estão do outro lado, do lado oposto (em oposição) de quem ainda não concluiu os estudos?

A mãe anunciou o motivo pelo qual eles vão esperar: “*agora meu filho é um cidadão, ele até vai para escola*”. O “filho” vai entrar para a escola e vai ter direito à cidadania, nas palavras dela, a entrada para a escola vai torná-lo outro igual a “ele”, pelo menos nos direitos de ir e vir, de atravessar a rua.

A cidadania se abre com a entrada para a escola?

Esse dito vem de um tempo: atual, moderno, da voz de uma jovem, não é o velho discurso de que a escola resguarda a promissória vida para o cidadão... Não é o velho discurso, é um discurso atual, vindo de moça jovem que credita à escola o espaço da leitura-cidadania.

Que a escola não decepcione essa mãe, esse menino, essa menina que apostam na escola como porta de entrada para um “futuro melhor”, um futuro cidadão.

Termino o texto voltando a Drummond e pensando “*quem pode vigiar os sonhos de moça? Eles são confusos e perigosos. Portanto, é impedir que se formem*”. Os meus sonhos de futuro/presente já se formaram, e continuo ousando para que os sonhos de meus alunos e alunas se formem também, e que eles/as sejam, cada dia mais, leitores e leitoras ávidos/as de uma nova realidade.

Referências bibliográficas

BAIÃO, Jonê Carla. **Uma análise de cartas/bilhetes de alunos nas séries iniciais ou “tia, te amo do fundo do meu coração”**. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ (não publicada), 1998.

BAIÃO, Jonê Carla. **“Tia, existe mulher bombeira?” Meninas e meninos co-construindo identidades de gênero no contexto escolar**. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: Departamento de Letras, PUC-Rio; 2006.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de Lingüística Geral**. Campinas: Pontes, 1991. vols. I e II.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa**. Ed. Objetiva, 2001.

Notas:

Professora do Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – CAp – UERJ.

² Música “Redescobrir”, de Gonzaguinha.

³ Essa crônica faz parte da coletânea *Contos de Aprendiz*, 1951.

⁴ Chamada publicitária de um grande jornal brasileiro.

O IMPACTO DOS EVENTOS LITERÁRIOS NA COMUNIDADE E NA ESCOLA

Gabriela Gibrail¹

O **Programa Cirandas de Paraty** faz parte do projeto de revitalização urbana sustentável da borda d'água da região de Paraty, desenvolvido pela Associação Casa Azul há mais de 10 anos. Em 2003, a instituição criou o evento anual Festa Literária Internacional de Paraty – FLIP e o seu Programa Educativo, que se tornou uma ação contínua, com foco na criação de acervo de literatura infantil e juvenil, a formação de mediadores de leitura e a valorização do patrimônio cultural de Paraty. O Programa acontece de janeiro a dezembro, com ações que envolvem alunos e professores da rede escolar pública e privada de Paraty.

“A FLIP tem contribuído de forma incisiva sobre a Educação do Município, levando as escolas, os professores e os alunos a desenvolverem hábito de leitura, de participação e ampliação de seus conhecimentos sobre aspectos culturais” (José Carlos Porto Neto – Prefeito Municipal de Paraty).

A grande questão para a Associação Casa Azul, por exemplo, não foi tanto ou não foi só “como fazer um grande festival literário”. Mais exatamente o problema foi – e continua sendo todos os anos – “como fazer um grande festival literário no qual a comunidade participe e que participe da comunidade”. Grande parte da resposta – talvez a mais importante –, tanto para a primeira quanto para a segunda questão, pudemos encontrar em nosso Programa Educativo, ou, segundo o seu nome de batismo Paratiense, as “Cirandas de Paraty”. Da interação entre a intensa atividade intelectual dos cinco dias da FLIP e as instituições pedagógicas locais brotaram gradualmente a **Flipinha – programação infantil e juvenil da FLIP**, a Ciranda de bonecos, as oficinas de leitura, a Biblioteca Azul com seus mais de oito mil livros infantis, e tantas outras iniciativas. Tudo com o objetivo de convidar as crianças a apalparem, saborearem e utilizarem esta ferramenta fundamental para toda e qualquer interpretação ou atuação sobre o mundo, a palavra, a partir de sua expressão máxima, a literatura.

Para realizarmos todas as ações, contamos com parcerias, que são fundamentais para o sucesso de um projeto. Agregar valor através de apoios e parcerias é o que garante a sustentabilidade das ações. Contamos, desde o início, com a Associação dos Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil – AEILIJ, tanto na Ciranda dos Autores – encontros com autores e ilustradores – como na programação da Flipinha. Antes desses encontros, os autores convidados enviam livros que são lidos nas escolas. Essa é uma forma de incentivar a leitura e qualificar os encontros, uma vez que o público conhece melhor os autores e suas obras. Isso acontece, também, na Flipinha, pois, antes do evento, os livros são disponibilizados para que alunos e professores estreitem relação com os autores convidados. A partir dessa experiência, percebemos que o interesse e a procura pelos livros têm aumentado significativamente e os alunos, hoje, estão muito mais próximos do universo literário.

Outra ação muito importante é a capacitação de mediadores de leitura que realizamos, todos os anos, em parceria com a Fundação ABRINQ. Alunos do curso normal de uma escola pública de Paraty, Colégio Estadual Mário Moura Brasil do Amaral, são preparados para realizar mediações nas escolas da rede local. Eles aprendem a escolher acervos de qualidade e a levá-los aos alunos. Com isso, os futuros professores ajudam a formar leitores.

Para dar suporte a essas ações, temos a Biblioteca Azul – infantil e juvenil, com 8 mil livros, cujo acervo é disponibilizado à comunidade. Os professores e os jovens mediadores têm a bolsa do “leva e traz”, onde levam um pequeno acervo às escolas. Assim, sempre terão uma excelente oferta para seus alunos. Durante a Festa Literária Internacional de Paraty – FLIP, a biblioteca é montada na Tenda da Flipinha, onde temos a oportunidade de apreciar crianças e jovens saboreando os livros. Além da biblioteca, penduramos livros nas árvores, os conhecidos “pés de livros”, que atraem os convidados. Nos “pés de livros”, temos os mediadores de leitura que aproximam esses deliciosos frutos dos famintos leitores.

“Acompanho a Flipinha desde 2005, quando fui pela primeira vez a convite de vocês, representando a Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil. Aquela Flipinha quase tímida já não existe mais. Agora a Flipinha virou de fato o local de encontro dos escritores de Literatura Infantil e Juvenil com seus leitores: crianças e

jovens. E com os pais e os professores, ou na verdade com os adultos que ainda trazem em si a sua criança. A mesa Meu livro de infância mostrou o quanto LIJ é coisa séria e emocionou a todos naquele fim de tarde com a Tenda Azul lotada. O céu estrelado brilhava, mas com certeza brilhavam os olhares de algumas crianças que estavam absolutamente fascinadas escutando os autores falarem de seus livros, suas histórias, seus encantamentos. Voltei para casa de alma lavada depois dessa Flipinha. Fazer parte desta parceria me faz acreditar que estamos construindo um mundo melhor para quem vem por aí. Um mundo cheio de crianças leitoras e fascinadas por livros. Por livros que nascem em árvores e semeiam histórias na alma de cada um. Saber que a Flipinha não é só uma festa de alguns dias, mas que ela é fruto de um trabalho de formação de leitores que acontece durante o ano todo é saber do compromisso com o livro e a leitura. Posso dizer que vi a Biblioteca Azul nascer a dar frutos. E quantos frutos... E que venham muitos pés de árvores carregadinhos de histórias!” (Anna Cláudia Ramos, escritora convidada e presidente da AEILIJ).

No período anterior à Festa Literária Internacional de Paraty – FLIP, produzimos o **Manual de participação da Flipinha**, material pedagógico que é distribuído a todos os professores da rede escolar local. Esse material é mais um instrumento para o incentivo à leitura, pois trazemos informações sobre o autor homenageado da FLIP, com sugestões de atividades que, sempre, partem da leitura. A partir desse material e da leitura, os professores desenvolvem projetos junto aos alunos, que são apresentados na tenda da Flipinha.

O ano de 2008, centenário da morte de Machado de Assis, foi um ano especial para a nossa Festa Literária, pois tivemos a alegria de homenagear este que foi o maior dos mestres brasileiros na arte da palavra.

E ninguém melhor do que Machado, que inicia sua maturidade literária com suas *Memórias póstumas de Brás Cubas* e se despede com o *Memorial de Ayres*, para celebrar o tema central da Flipinha deste ano: a memória das pessoas da cidade. Partindo do projeto de registro da memória oral da comunidade, desenvolvido em parceria pelo Museu da Pessoa e a Casa Azul, o objetivo é introduzir no universo infantil, quase sempre imerso no presente, a dimensão do passado. Ao entrar em contato com a história narrada pelos adultos, a criança, que está apenas começando a escrever a sua própria história, entende que já é protagonista de uma história

maior, a grande história da sua comunidade. É preciso que ela aprenda a tomar delicadamente em suas mãos os instrumentos com os quais seus antepassados construíram suas vidas e a acolher em seu coração os valores que os guiaram, antes que possa misturar a isso seus próprios sentimentos e idéias, tornando-se ela mesma uma criadora de novas formas de vida, tanto individuais como coletivas. Responsabilizando-se pelo passado, ela se apropria do presente e começa a construir um futuro. É desta forma que o/a aluno/a inicia o caminho que o/a levará a se fazer uma *pessoa* e um/a *cidadão/ã* em todo o vigor dos termos.

Com a realização de todas essas ações, percebemos, ao longo de todos esses anos, uma mudança no que diz respeito à leitura e à valorização do patrimônio cultural local. A procura por livros nas bibliotecas da cidade tem aumentado significativamente.

“Acompanhamos ano a ano os efeitos que a festa tem causado em nossa cidade e constatamos que, muito além do grande movimento turístico, da mídia nacional e internacional voltada para o município, está o resultado concreto que é desenvolvimento cultural em que a Flipinha, particularmente, tem se destacado” (Maria José Rameck – Diretora de Cultura da Prefeitura Municipal).

Os professores da rede escolar local que participam das capacitações transformam as suas práticas pedagógicas criando, em suas aulas, um ambiente propício ao universo literário. Com as Cirandas dos Autores, os alunos aprenderam a conhecer as duas autorias que há nos livros infantis: escritores e ilustradores. Muitos alunos, aqui, já reconhecem as ilustrações e os textos de cada autor.

É importante ressaltar que a nossa experiência pode ser reproduzida em qualquer cidade. Os resultados que alcançamos aqui são conseqüências da nossa crença na importância e na magia dos livros. Somos movidas por essa paixão que apenas aqueles que são tocados por ela podem saber. É essa paixão que queremos despertar nos nossos jovens e crianças. As crianças acreditam em ficção, mas não em mentiras, assim, não é possível formar leitores fingindo que se lê. Então, o primeiro ingrediente para essa receita é se formar leitor. Depois, disponibilize livros de qualidade e construa a ponte entre os livros e os alunos. Assim, verá nascer leitores.

É assim que estamos transformando Paraty em uma cidade de leitores e, quem sabe, de futuros escritores.

Nota:

Coordenadora pedagógica da Casa Azul, no município de Paraty, no Rio de Janeiro.

O ENCONTRO DO LEITOR COM O AUTOR

Sandra Pina¹

É muito comum que os responsáveis pela divulgação ou marketing das editoras façam aos novos autores a seguinte pergunta (e sempre que me refiro ao autor, quero dizer o escritor ou o ilustrador): *você faz visitas a escolas?* Minha resposta é sempre positiva. Eu, pessoalmente, gosto de ir às escolas, fazer contato direto com os leitores, ouvir a opinião de quem lê meus livros, tentar entender o que pensa meu público leitor. Por outro lado, devo confessar que é sempre uma “caixinha de surpresas”. Em algumas escolas, encontramos leitores interessados, atentos e articulados e, em outras, crianças e jovens que encaram aquele encontro como um momento de “escapar” de uma aula qualquer.

Vale colocar aqui que essas visitas a escolas se dão basicamente em dois formatos diferentes: na primeira, o autor é convidado a fazer uma espécie de arremate na costura elaborada ao longo de um período em que o professor e a turma leram, trabalharam, questionaram, esmiuçaram um livro e, finalizando, a escola convida o autor a debater com a turma e com o professor a obra em questão; na outra modalidade, a escola promove uma feira de livros, ou semana literária (cada escola dá um nome e um objetivo ao evento), e o autor é convidado a conversar com um público que não necessariamente conhece sua obra e, muitas vezes, não tem a menor idéia do que você (ou eles) está/estão fazendo ali.

Quero deixar claro que, em ambos os casos, leitores e autores podem vivenciar experiências boas ou ruins. E um melhor aproveitamento desses momentos está sempre ligado diretamente ao comprometimento do professor mediador. Em outras palavras: toda vez que um evento desse tipo (seja finalizando o trabalho com um livro, seja numa feira escolar de livros) é vitorioso, percebo que existe, nos bastidores e na linha de frente, um professor leitor, preocupado em desenvolver, com seus alunos, o prazer da leitura, o senso crítico, o descobrimento da beleza de um texto literário, a capacidade de articulação, e todos esses benefícios que, sabemos, a leitura nos proporciona.

Mas, o que faz, na prática, com que um professor seja um bom mediador de leitura? O que faz dele esse ser *especial* que consegue transmitir a seus alunos o gosto pelos livros?

Antes de qualquer coisa, é uma pessoa que ama o que faz. Que ama os livros. Que se deleita com a literatura. Afinal, assim como se espera que um professor de Matemática seja capaz de resolver equações mais complexas e que goste dos números, seria lógico imaginar que quem lida com a literatura, quem ensina literatura, seja um amante das histórias, tenha intimidade com a biblioteca, seja capaz (e sinta necessidade) de emocionar-se com os livros.

Então, o trabalho de mediação desse encontro do leitor com o autor trilha um caminho muito mais extenso do que o momento de apresentação formal, ou seja, aquela hora em que o professor avisa *hoje temos aqui a visita do autor...* Esse trabalho começa antes: na escolha do livro a ser lido; na seleção do tema a ser abordado; na liberdade dada ao aluno de fazer a sua própria leitura da história, respeitando seu próprio momento de vida, seus valores, sua história. Esse trabalho começa no exato momento em que o aluno percebe que o professor se encanta pela matéria e deixa transparecer esse encantamento através de cada palavra, de cada gesto.

Falo aqui de um professor que não se limita às orientações das famosas “fichas de leitura” encartadas pelas editoras nos livros de literatura infantil e juvenil, mas que se utiliza delas como inspiração, ou seja, um material de pesquisa que pode – ou não – enriquecer sua aula e a abordagem que será feita do livro.

Quando um autor se depara com um grupo de leitores que teve a felicidade de ser apresentado à literatura por um professor assim, independentemente de conhecer ou não a sua obra, esse encontro se transforma em um momento único, proporcionando um debate interessante e inteligente, de onde todos, autor e leitores, saem felizes e com uma visão renovada do fazer literário.

E esse tipo de debate está ganhando dimensão tal no meio escolar que alguns colégios, cientes da qualidade desses encontros, já tomam a iniciativa de oferecer um pró-labore aos autores, demonstrando darem uma enorme importância ao evento.

Infelizmente, ainda vejo que pouquíssimos ilustradores são convidados para encontros com os leitores. E digo infelizmente, porque a literatura infantil tem a rara propriedade de possibilitar ao leitor um encontro não apenas com a arte literária, ou seja, a arte escrita, mas também com a arte visual. Por isso, os ilustradores podem enriquecer em muito o debate através de seu olhar diferenciado sobre a literatura.

Entretanto, encontros entre autores e leitores não se dão apenas no ambiente escolar, não é mesmo? Eles também são promovidos em eventos como a Bienal do Livro, o Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens e tantas outras feiras literárias espalhadas por esse enorme Brasil. E, nesse caso, será que o papel do professor mediador é diferente? Será que é menos ou mais importante do que nos encontros que acontecem dentro da escola?

Em eventos literários, esses encontros destinam-se a dois tipos de público bem distintos: o visitante espontâneo e a visita escolar – e aqui estou me referindo especificamente a encontros com autores que se dedicam à literatura para crianças e jovens. Embora possa parecer que haja diferença nesses dois tipos de público, eu acredito que não há. Na verdade, mesmo quando levado pela família, o leitor-criança traz consigo todo o trabalho de mediação de leitura que vivenciou na escola e na família. Ou seja, se esse leitor se encantou pela literatura na escola, ele se encontrará com o autor, no evento literário, com o mesmo respeito, a mesma emoção e a mesma curiosidade que o faria se o encontro acontecesse de outra forma.

E se esse mesmo leitor vai ao evento levado pela escola, ele tem a oportunidade de desfrutar esse momento juntamente com os colegas de turma que, como ele, estão apreciando aquele encontro.

Eventos literários são planejados e divulgam sua programação com antecedência. Sendo assim, ao agendar a ida de uma turma da escola a um evento desses, o professor mediador tem

a oportunidade de se informar sobre que autores poderá encontrar no evento e, conseqüentemente, pesquisar, junto com a turma, sobre o trabalho do autor, sobre sua obra, etc., de modo a fazer com que esse encontro seja o mais proveitoso possível para seus alunos.

E quando falo em proveitoso, falo em um momento onde o leitor tem a possibilidade de questionar o autor sobre seu ofício, sobre suas fontes de inspiração, sobre seus momentos criativos, etc. e não apenas fazer aquela conhecida pergunta: *o que você quis dizer com...?* Uma vez, no encontro com leitores em uma escola no Rio de Janeiro, um aluno abriu o debate com essa pergunta. Imediatamente, devolvi a pergunta para a turma – *o que vocês acham que eu quis dizer?* Depois de alguns segundos de um silêncio mortal, o aluno que me fez a pergunta inicial disse que aquela questão tinha sido motivo de uma enorme discussão na turma e que cada um dos colegas achava uma coisa. A partir dessa “deixa”, entabulei uma conversa levantando a imensa diversidade de interpretações que a minha história tinha gerado. Vez por outra, eu olhava discretamente para o professor que acompanhava a turma e, devo declarar, sentia uma enorme alegria ao perceber seu contentamento com o desenrolar do debate.

Como autora, nunca sei explicar o que queria *dizer* com uma história. Na verdade, cada autor coloca uma parte de si mesmo em cada história que escreve ou ilustra e, a partir do momento em que essa história vira livro e chega às mãos dos leitores, o importante é que ela *diga* para cada leitor o que ele está preparado para *ouvir*, ou o que está precisando *ouvir* no momento em que lê o livro. Na verdade, um bom livro tem o poder de dizer coisas diferentes a cada nova leitura. Afinal, como coloca Umberto Eco no livro *Lector In Fabula*, “*Todo texto quer que alguém o ajude a funcionar*”.

Mas peço licença aqui para voltar àquela pergunta da editora, que mencionei no início desta conversa, para levantar uma outra questão: e se o autor não fizer visitas a escolas?

Meu primeiro contato com a literatura para crianças foi, ainda antes de ser alfabetizada, com os livros de Monteiro Lobato. Minha mãe lia as histórias do Sítio do Picapau Amarelo para mim e para minhas irmãs. Certamente, nunca tive um contato pessoal com Lobato – nem com

tantos outros autores cujas histórias povoam, ainda, meu imaginário. Será que esse *não* contato pessoal poderia fazer com que a literatura tivesse menos importância na minha vida? Na verdade, eu não vou a todas as escolas onde os alunos lêem meus livros, apenas a algumas. Será que a minha *não ida* faz diferença?

Quero deixar claro que acredito no encontro do autor com o seu leitor. Como leitora, sinto um enorme prazer em assistir a debates e palestras de outros autores cujas obras eu admiro. Mas, por outro lado, não deixo de admirá-los caso não tenha a possibilidade de ouvi-los falar. Se assim fosse, que seria da obra de gênios como Mark Twain, Erico Verissimo, Fernando Pessoa, só para citar alguns?

Em resumo, vejo com muitos bons olhos esse momento do encontro autor e leitor, mas não como imprescindível. Imprescindível é a consciência de que a literatura deve ser tratada como arte e, no caso da literatura infantil, arte em dose dupla, pois contempla a arte escrita e a visual. Imprescindível é valorizar a livre interpretação de uma boa história. Imprescindível é ter sempre em mente que uma criança que se encanta pela arte na infância será um adulto mais sensível, mais consciente, mais criativo.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo, 1996.

CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros**. Brasília, DF: UNB, 1994.

ECO, Umberto. **Lector in Fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PENNAC, Daniel. **Como um Romance**. Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. São Paulo: Zahar, 1975.

Nota:

Escritora. Autora de diversos livros de literatura para crianças e jovens.

INCENTIVANDO A PRODUÇÃO ESCRITA/ FORMANDO NOVOS AUTORES

Anna Cláudia Ramos¹

Pensar no incentivo da produção escrita e/ou na formação de novos autores no ambiente escolar requer alguns questionamentos. É possível formar um escritor? É possível que alguém aprenda a ter talento? Não. Talento não se ensina, se conquista. Mas é possível educar as pessoas para que elas aprendam a dominar bem a escrita.

Antes que me perguntem como, já vou logo respondendo: com muita leitura de literatura, de preferência desde a mais tenra infância. Primeiro alimentando o imaginário infantil com obras de LIJ de qualidade, mais tarde passando pelos clássicos da literatura brasileira e universal. Mas, sobretudo, com muita diversidade de leituras e possibilidades de olhares para essas mesmas leituras.

Diante dessa colocação, precisamos nos perguntar se a instituição escolar permite a diversidade de olhares para os textos literários. Se buscarmos essa resposta bem lá no fundo, encontraremos uma resposta ainda insatisfatória, pois a escola, em sua totalidade, ainda não consegue enxergar a literatura como arte, e, sendo assim, não permite a diversidade de olhares sobre os textos literários. Até porque a escola não é, por natureza, o espaço da transgressão. E para conseguir alargar o horizonte da leitura é preciso que haja transgressão de padrões preestabelecidos e respostas predefinidas por apenas um leitor, o professor, ou o organizador de um suplemento literário, por exemplo.

Para que alguém aprenda a fazer arte de qualidade, é preciso ir além do lugar comum e saber encontrar sua voz criadora. Mas será que a escola incentiva essa busca pelo singular de cada um e valoriza as artes de um modo geral? Algumas escolas sim, outras não. Alguns

professores sim, outros não. Alguns professores respeitam a voz individual de seus alunos, outros não.

Ieda de Oliveira, em seu texto **A maioria da LIJ**, faz uma distinção entre ensinar e educar. “*Educar* contém prefixo latino *e*, variante de *ex* – ‘para fora’ – seguido do verbo *ducere* – ‘conduzir’. Significa, portanto, ‘conduzir para fora’, ‘trazer para fora’, ou seja, conscientizar o aluno de um conhecimento latente em seu espírito, como fazia Sócrates com seus alunos pelo método da maiêutica. É, pois, tratar o estudante como um ser inteligente, é orientar a aprendizagem e não adestrar, ao passo que *ensinar* é *in* – ‘dentro’ – seguido de *signare* – ‘colocar marca’, como se faz com o gado, a ferro quente. Significa, por conseguinte, calcar de fora para dentro a mente do aluno, colocando nela informações. Ensinar é, pois, treinar, adestrar”.

Voltemos aos dois primeiros questionamentos. Podemos (e devemos!) educar as crianças e os jovens para a arte, mas primeiro precisamos nos educar. Precisamos educar o nosso olhar para sabermos reconhecer o que é arte de qualidade. Precisamos educar nosso olhar para a arte literária. Se eu desejar ensinar alguém a ler e a interpretar um texto, provavelmente vou querer que a pessoa leia da mesma maneira que eu e encontre as mesmas questões que eu encontrei. Ao passo que se eu quiser educar alguém para gostar de ler, vou permitir que esta pessoa busque em si mesma as questões que o texto suscitou em sua alma. Quem sabe, assim, as pessoas comecem a descobrir seus talentos ou consigam desenvolver algum talento até então adormecido?

Educar o olhar para a leitura é o primeiro passo para se formar um escritor, pois o escritor é, antes de tudo, um leitor atento e apaixonado. Aprendemos a escrever com a prática. Escrevendo, errando, escrevendo, acertando... Poderíamos dizer que é uma prática de tentativas de erros e acertos. Mas será que a escola promove este espaço da tentativa, da troca, do comentário, da leitura coletiva, do debate dos textos produzidos pelos alunos? Raramente. Raramente se abre espaço para que os alunos falem de suas produções textuais e discutam com os colegas de turma. Culpa-se o tempo. Sempre o tempo que não sobra, que voa. O tempo que não dá tempo de ficar repetindo muitas vezes a mesma coisa. *O currículo!*

Precisamos cumprir o currículo! Sim, é verdade. É preciso cumprir o currículo, mas também é preciso dar tempo para a leitura e a criação ser saboreada. É preciso dar tempo ao tempo para o aprendizado da escrita literária, que pede silêncios e maturação. Pede leituras diversas e tentativas variadas. Muitas vezes, um escritor leva anos produzindo um mesmo texto. Muitas vezes, um texto em processo foge do escritor e se esconde em suas profundezas mais silenciosas. Só o tempo fará que esse texto venha à tona novamente. Mas como fazer isso justamente na escola, onde o tempo voa e é complicado acertar os ponteiros do tempo de cada aluno de uma mesma turma?

A escola não vai formar escritores, não é esta a sua obrigação, mas a escola deveria estar incentivando e valorizando as artes tal como valoriza as ciências exatas. Para se formar um ser humano completo, é preciso educá-lo em sua totalidade. Não só para o aprendizado da Matemática, Física, Biologia, Química, Geografia, História ou Português, mas para o aprendizado da história da arte, da literatura, teatro, danças, música, cinema, enfim, educar o aluno de forma completa, para que ele adquira estofamento cultural. Assim, no futuro, ele poderá se tornar o que desejar. Nem todos vão gostar das artes, como nem todos vão gostar das ciências exatas. Cada aluno (com suas aptidões naturais) vai tender para um lado ou para outro, mas todos deveriam ter o direito à escolha. Quando não educamos nossos alunos para o todo, não estamos dando e eles a opção de escolha, pois eles não conhecem o diferente.

É preciso, então, que a escola como um todo se modifique para atender a essa formação mais completa do ser humano. Como podemos escolher se não conhecemos? Como podemos formar leitores se não lemos? Como podemos despertar alguém para a literatura se só lemos auto-ajuda, por exemplo? Só estaremos dando opções de escolhas reais para todos os alunos quando abrirmos o leque de opções de forma justa. Uma escola que não valoriza o humano está defasada. E muito.

A escola só irá formar futuros escritores no dia em que valorizar o trabalho literário, ou seja, a leitura de literatura em sua amplitude maior. Literatura não foi feita para ser um “dever” de respostas prontas. Literatura foi feita para ser lida, sentida, discutida, se desejarmos, mas primeiramente foi feita para ser lida e para tocar nossa alma. O problema é que a literatura

ficou atrelada ao didático no espaço escolar. Livro de literatura não é livro didático. Livros didáticos não formam leitores e muito menos escritores. Literatura sim, com seus personagens paradoxais e suas histórias cheias de novas possibilidades de ver o mundo.

Ler bons livros de literatura é um direito de todos. Por isso, todas as escolas deveriam ter biblioteca com um acervo de qualidade, porque a biblioteca é o coração da escola. Lá moram todas as histórias que estão à espera dos leitores para serem compartilhadas. Só que nem todas as escolas têm bibliotecas e muitas usam a biblioteca de forma inapropriada. Uma biblioteca escolar não é apenas um depósito de livros. Uma biblioteca escolar precisa de um bom acervo literário, livros de referência e pesquisa. Precisa ser um espaço vivo. Mas a valorização da biblioteca como um espaço vivo e fundamental em uma escola tem a ver com o compromisso que cada escola tem com o livro e a leitura. Com a valorização, ou não, que se dá ao livro e à formação de um leitor de qualidade.

Já sabemos que só conseguiremos formar leitores de verdade se formos leitores e se permitirmos a diversidade de olhares para os textos. Sonho com o dia em que todos dentro da escola valorizem a leitura de literatura e não apenas livros didáticos ou informativos. Enquanto não mudarmos o pensamento atrasado de algumas pessoas, as leituras vão continuar emperrando em coisas pequenas. Enquanto o livro literário não entrar na escola como objeto de desejo, ele vai continuar sendo visto apenas como obrigação e dever. Literatura deveria abrir horizontes e pensamentos, abrir portas e janelas na alma dos leitores e jamais fechar as portas da imaginação.

A escola precisa se preocupar em ter um lugar especial para a literatura. Aliás, essa é uma bandeira defendida pela Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEILIJ), da qual estou presidente, porque queremos que crianças e jovens gostem de livros como leitores apaixonados e encantados e não apenas como leitores obrigados a ler porque a escola mandou. Esse é um sonho de muitos que acreditam no livro.

Continuo achando que o professor faz toda a diferença. Para o bem ou para o mal. Se um professor souber tocar na alma de seus alunos, ele é capaz de levá-los mais longe, abrindo

horizontes e pensamentos. Quando um professor não está aberto para a diversidade de olhares e opiniões, ele fica preso em seu pedestal de poder e não aceita o diferente. Fica arraigado em preconceitos e *pré*-conceitos e isso limita muito um trabalho com a arte, seja ela qual for. A arte tem, em sua essência mais profunda, a liberdade como forma de expressão.

Quero agora dar alguns exemplos de situações vivenciadas em escolas de diferentes estados brasileiros, para deixar como reflexão para os leitores deste texto:

1. É a história de uma professora que, quando moça, adorava escrever, escrevia bons textos e seus colegas adoravam suas histórias. Um dia, quando ela estava com quatorze anos, a professora de Português solicitou para a turma uma redação. A jovem, então, se esforçou e escreveu uma bem caprichada. Na classe, todos teriam que ler seu texto em voz alta. Quando ela terminou de ler, a professora a menosprezou na frente de toda a turma, dizendo que aquela redação estava boa demais para ter sido escrita por ela. Deu zero para a menina que, desde aquele momento, nunca mais teve coragem de ler algum texto seu em público, e levou trinta e cinco anos para desbloquear esse trauma. Só conseguiu desbloquear porque encontrou uma outra professora que a ajudou a resgatar a auto-estima. Mesmo tendo acontecido há anos, histórias como essa se repetem até hoje.

2. É a história de dois meninos, que aconteceu há uns 15 anos, quando eu dava aulas de literatura na biblioteca de uma escola. A escola tinha um projeto de biblioteca interessante, com aulas semanais e muita produção de texto. Eu havia solicitado a uma turma de quinto ano que fizesse uma produção de texto a partir de uma leitura. Quando recebi os textos, dois me chamaram muito a atenção, pois eram dois extremos. O texto de um aluno era totalmente criativo. Ele tinha uma imaginação fantástica e sua história era bem gostosa, mas ele cometia muitos erros gramaticais. Na outra ponta, li o texto de um menino que praticamente não cometia erros gramaticais, em compensação sua história não tinha nenhuma imaginação, era apenas um encaixe de frases, tal como: *“Era uma vez uma casa. A casa era azul. A casa azul era bonita e alegre. A casa azul era grande. O menino que morava na casa era feliz. O menino gostava de brincar”*. Era algo mais ou menos assim, totalmente insosso. Resolvi fazer um teste. Levei as duas produções de texto para a sala dos professores, li em voz alta e

perguntei que nota os professores dariam para cada aluno. A maioria daria dez para o menino que escrevia corretamente o Português e quatro ou cinco para o outro. Exceto uma professora, que ficou quieta e perguntou que nota eu daria para cada um. Eu disse que cinco para os dois. Ela sorriu e disse: *Eu também!* Foi uma algazarra na sala dos professores. *Como vocês podem pensar em dar a mesma nota para um aluno que escreve tão bem e um que escreve tão mal?* Eu disse que, para mim, um tinha o que faltava no outro. Um dominava a gramática, mas não tinha imaginação nenhuma. O outro tinha uma excelente imaginação, mas desconhecia as regras gramaticais.

3. É a história de uma professora que começou a ler poesias para seus alunos de oitavo e nono ano a fim de despertá-los para os livros. Quando a conheci, ela já havia formado um grupo de alunos que gostava de ler. Todos eram totalmente apaixonados por textos poéticos. Esse grupo ia declamar algumas poesias em um encontro de professores, no qual eu tinha acabado de ministrar uma palestra. Quando eles terminaram de se apresentar, todos os presentes estavam muito emocionados. De repente, uma das alunas chegou até a beirinha do palco e perguntou: *Vocês são professores, não são? Sei que vocês estão em um seminário de leitura, então vou falar uma coisa. Sabe o que é preciso pra fazer os alunos gostarem de ler? É muito simples, leiam com eles, mas leiam que nem a minha professora faz. Não finjam que gostam de ler, não. Leiam de verdade. Quando a minha professora começou com essa história de ler poesia, eu achei que isso era um saco, mas ela é tão apaixonada por poesia que ela passou isso pra gente de uma forma muito legal. Lendo. Mas sem obrigar a gente a gostar, só lendo e deixando os livros por perto, pra gente querer pegar o livro que mexeu com o nosso sentimento. Então, se eu fosse vocês, levantava bem rápido daí e começava a ler, que nem a minha professora faz. Garanto que vai dar certo.*

São três situações totalmente diferentes em que a história entra na escola, seja pela criação de um texto ou pela leitura. Esses exemplos ficam aqui para reflexão. Não quero trazer respostas prontas, mas quero dizer que acredito que o professor faz toda a diferença. Sempre. Com isso, acho que vale a pena cada um rever os seus conceitos e se auto-avaliar sempre. *Até que ponto estou permitindo o outro se conhecer e ir além das minhas possibilidades?*

Não poderia terminar este texto sem dizer que precisamos criar nas escolas espaços alternativos de criação de textos. Espaços onde a escrita possa ser experimentada de forma diferenciada, por alunos e professores, já que muitas vezes isso é impossível em uma sala de aula convencional. Espaços como oficinas literárias bem orientadas. Oficinas de leitura. Rodas de leitura. Troca-troca de livros. Bate-papo com autores, sejam eles escritores ou ilustradores. Mas um bate-papo bem preparado, no qual os professores e os alunos conheçam a obra do autor para poderem fazer perguntas pertinentes à sua obra e ao seu trabalho, mas sabendo ver as nuances da obra daquele autor.

As pessoas se tornam escritores/as por motivos muito singulares. Cada escritor/a tem sua história pessoal para contar. Se hoje sou escritora, com certeza foi porque encontrei muitos livros que abriram meus horizontes e muitos mestres (no sentido mais amplo desta palavra) que me fizeram pensar mais longe, que abriram meu mundo para o mundo do desconhecido. Mas só conseguimos adentrar o mundo do desconhecido quando não temos medo de enfrentar nossos próprios medos.

O que levou cada um a seguir o caminho da escrita é singular, mas certamente todos os escritores têm algo em comum: o amor pelos livros.

E para terminar, reproduzo um trecho de meu artigo *O jogo do faz-de-conta*, publicado no livro **O que é qualidade em LIJ? Com a palavra o escritor**. “Inventar pede imaginação e diferenças. Pede trabalho e seriedade. Pede singularidade. Sem medo de ser feliz e viver o que deseja. Sem ter de escolher se quer ser isso ou aquilo, mas sabendo que cada um pode optar por ser isso e aquilo, se assim desejar. Assim como uma criança se permite, ao brincar de faz-de-conta, *que a vida pode ser diferente*. E sem nunca esquecer que, através da ficção e a da brincadeira, podemos viver outras vidas, reinventando a nossa própria história”.

Referências bibliográficas

CARRERO, Raimundo. **Os segredos da ficção, um guia da arte de escrever narrativas**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

MACHADO, Ana Maria. **Texturas: sobre leituras e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MONTERO, Rosa. **A louca da casa**. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

OLIVEIRA, Ieda de (org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? Com a palavra o escritor**. São Paulo: DCL, 2005.

PROSE, Francine. **Para ler como um escritor, um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los**. Rio de Janeiro: Zahar.

RAMOS, Anna Claudia. **Nos bastidores do imaginário: criação e literatura infantil e juvenil**. São Paulo: DCL, 2006.

Nota:

Escritora, presidente da AEI-LIJ. Consultora da série.

Presidente da República
Luis Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Secretário de Educação a Distância
Carlos Eduardo Bielschowsky

TV ESCOLA/ SALTO PARA O FUTURO

Diretor de Produção de Conteúdos e Formação em Educação a Distância
Demerval Bruzzi

Coordenador-geral da TV Escola
Érico da Silveira

Coordenadora-geral de Capacitação e Formação em Educação a Distância
Simone Medeiros

Supervisora Pedagógica
Rosa Helena Mendonça

Acompanhamento Pedagógico
Ana Maria Miguel

Coordenação de Utilização e Avaliação
Mônica Mufarrej
Fernanda Braga

Copidesque e Revisão
Magda Frediani Martins

Diagramação e Editoração
Equipe do Núcleo de Produção Gráfica de Mídia Impressa – TV Brasil
Gerência de Criação e Produção de Arte

Consultora especialmente convidada
Anna Claudia Ramos

E-mail: salto@mec.gov.br
Home page: www.tvbrasil.org.br/salto
Rua da Relação, 18, 4º andar - Centro.
CEP: 20231-110 – Rio de Janeiro (RJ)
Setembro de 2008